



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

O MOVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

João Pessoa-PB
Dezembro/2016

O MOVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação CE, da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como um dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nadia Jane de Sousa.

A848m Assis, Eveline Maciel de.

O movimento corporal na educação infantil / Eveline Maciel de Assis, Lavínia Nayara Barbosa Matias Ribeiro. – João Pessoa: UFPB, 2016.

56f. : il.

Orientadora: Nadia Jane de Sousa
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação infantil. 2. Movimento corporal. 3. Criança. I. Ribeiro, Lavínia Nayara Barbosa Matias. II. Título.

UFPB/CE/BS


CDU: 373.2(043.2)

O MOVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL


Eveline Maciel de Assis
Lavínia Nayara Barbosa Matias Ribeiro

Monografia aprovada em 05 / 12 / 16

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Nadia Jane de Sousa
(Orientadora)



Profª. Drª. Elzanir dos Santos
(Examinador)



ProfªDrª Idelsuíte de Sousa Lima
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Ao meu querido avô que não se encontra mais entre nós; À querida Dona Ana que contribuiu para minha formação, e torceu muito para que esse sonho se tornasse realidade. “Eveline Maciel”

As minhas queridas e amadas filhas, Letícia Nayara e Larissa.
“Lavínia Nayara”

AGRADECIMENTOS

Eveline

Agradeço aos meus professores do ensino fundamental, com elogios, sorrisos e dedicação fizeram com que meu interesse e gosto pelos estudos e leitura, não se tornassem apenas um hábito, mas sim, uma paixão em querer aprender com os desafios. Aos meus professores do ensino médio, dentre eles, Wellington, Eliezer, Jorge, Nathália, Valéria, Lurdinha que contribuíram significativamente na minha formação, em meio a todas as descobertas, fizeram com que o conhecimento não perdesse seu brilho, tinham razão ao mencionar que a universidade estava ao nosso alcance, bastava querer e batalhar por ela. A todos com as exigências, cobranças, palavras de apoio ou histórias de superação, me serviram de profunda inspiração. A minha escola Getúlio Guedes onde carrego com orgulho todos os 11 anos da minha vida, os quais tive toda minha formação e sai para ingressar em uma Universidade Federal, a diretora da época, Zelma Guedes, meu agradecimento e admiração

Agradeço a todos os professores do Centro de Educação, por todos esses anos transmitindo de forma segura e paciente seus conhecimentos, em especial a professora Adriana Diniz, Izolda, e minha orientadora Nádia Jane, que com toda paciência e amor me ajudaram nessa caminhada, a elas meu respeito e admiração. A minha família, pai, mãe e irmã, minha base, em que todos esses anos não me deixaram desistir, com um apoio incondicional. Aos meus avós, tias e tios, cunhado e meu presente mais lindo o sobrinho João Lucas, obrigado por existirem em minha vida e me darem suporte nos momentos de aflição. Aos meus sinceros amigos que embora a correria tenha nos afastado o amor incondicional por vocês sempre permaneceu.

A todos vocês meus agradecimentos pelo incentivo, alegrias e estímulos os quais, sempre injetaram na minha vida.

Lavínia

Agradeço a Deus por ter guiado e abençoado o meu caminho para que chegasse até aqui. Agradeço a toda minha família, as minhas irmãs Lucely Mayane, Laynar Barbosa e a Luana Mayara junto com seu esposo José Messias, por terem me salvado ao emprestarem o notebook, este, me ajudou na conclusão do meu TCC, agradeço aos meus pais, Cícero Matias Ribeiro, em especial, a minha mãe Isabel Barbosa da Silva por ter me colocado no mundo, me amar, cuidar, educar e por sempre fazerem de tudo para me dar o melhor, pois, se não fosse pelo apoio e dedicação, talvez eu não tivesse capacidade de chegar aonde cheguei e de ser o que eu sou.

Agradeço ao pai das minhas princesas. Meu amigo, namorado, noivo, amante e brevemente marido Heberton Cavalcante de Oliveira por me amar, me fazer feliz, por ter apoiado e suportado meus stress por todo esse tempo. E não poderia esquecer da querida e amada Irmã Elizete Venâncio, juntamente, com seu esposo Irmão Arnaldo Venâncio, pois no momento em que soube que precisaria pagar uma taxa para realizar o PSS (Processo Seletivo Seriado) fiquei com medo de perder uma oportunidade única na minha vida, por não ter a quantia que na época estavam pedindo. Foi aí, que Deus usou esse casal abençoado para me socorrer, nesse momento de aflição, que ao falar um simples “vamos lhe ajudar”, mudou o itinerário da minha vida quando pude realizar a prova e seguir novos passos dentro da Universidade. Agradeço aos meus padrinhos Francisco e em especial a Joelma por ter me apoiado e bancado meu transporte, pelos longos e esforçados quatro anos do meu curso e por sempre estenderem as mãos a me ajudarem em qualquer que fosse minha necessidade.

Agradeço a Austregésilo por ter bancado meus materiais escolares logo no início do curso, momento em que eu passava necessidades e não tinha condições de me sustentar, juntamente com Westerval, por também ter me ajudado pagando as autenticações e organizado toda documentação que se julgava indispensável para meu ingresso na UFPB, lugar que mudaria minha vida para melhor ao estar convivendo com pessoas maravilhosas. E Por fim, agradeço as amigadas que fiz na Universidade e que levarei, com muito prazer, no meu coração pelo resto da minha vida. São elas: Eveline Maciel, amiga e

parceira de TCC, Stelyane amiga para vida inteira, grávida de Luís Augusto. Laís amiga vida louca e grávida de Sofia, Daiane amiga cozinheira, Dona Maria amiga, exemplo de vida, força e coragem e, todas as amigas da turma que cursei até o fim do período. Além dos professores, como minha querida orientadora Nadia Jane e outros ficarão marcados para sempre, como Adriana Diniz, Maria Ivete, Rodrigo Rosal, Ana Paula Romão, Matheus, Socorro Queiroga, Maria Lúcia Nunes, Ana Dorziat, Luiz Gonzaga, Isolda, Everton.

RESUMO

O movimento corporal é uma prática essencial para o desenvolvimento integral da criança. A realização do movimento corporal na Educação Infantil deve ser conciliada com os aspectos físico, psicológico, intelectual e social da criança. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo verificar como o movimento está presente na prática pedagógica da Educação Infantil, além de ressaltar a importância do movimento corporal no desenvolvimento das crianças. O trabalho é de cunho qualitativo e foi realizado em uma Instituição de Educação Infantil na cidade de João Pessoa com crianças de 2 a 5 anos de idade, através de observações e conversa informal com as professoras das respectivas turmas: Maternal I, Maternal II e Pré I. Para nos dar suporte, fizemos algumas leituras com autores que investigaram sobre a temática, a saber: Sarmento, Furlan, Iza e Mello, Tosatto, entre outros. No trabalho realizado, percebemos que as professoras do CREI investigado têm experiência de trabalho com as crianças, mas falta-lhes o conhecimento de como trabalhar atividades educativas com Movimento e, portanto, priorizam a manutenção das crianças em situação de Não-Movimento. Tais práticas de manter as crianças quietas e caladas revelam as concepções de criança e movimento das professoras, indicando a urgência de reformulação dos processos e cursos de formação inicial e continuada de professoras de Educação Infantil, bem como a melhoria das condições de trabalho para o cuidado e a educação de crianças pequenas.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Movimento Corporal. Criança.

ABSTRACT

Body movement is an essential practice for the integral development of the child. The realization of the corporal movement in the Infatile Education must be reconciled with the physical, psychological, intellectual and social aspects of the child. Therefore, this study aimed to verify how the movement is present in the pedagogical practice of the teachers of Early Childhood Education, besides emphasizing the importance of the corporal movement in the development of the children. The work is qualitative and was carried out in a Child Education Institution in the city of João Pessoa with children from 2 to 5 years of age, through observations and informal conversation with the teachers of the respective classes: Maternal I, Maternal II and Pre I. To give us support, we did some reading with authors who investigated the subject, namely: Sarmento, Furlan, Iza and Mello, Tosatto, among others. In the work carried out, we noticed that the teachers of the researched CREI have experience of working with the children, but they lack the knowledge of how to work educational activities with Movement and, therefore, prioritize the maintenance of children in situation of Non-Movement. Such practices of keeping children quiet and silent reveal the conceptions of the child and the movement of the teachers, indicating the urgency of reformulating the processes and courses of initial and continuing training of teachers of Early Childhood Education, as well as the improvement of working conditions for care And the education of young children.

Keywords: Early Childhood Education. Movement. Child.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Imagem da área aberta onde as crianças realizam atividades de movimento (p. 31).

Figura 2: Alfabeto não seqüencial utilizado pela educadora da turma (p. 34).

Figura 3: Imagem do ambiente denominado por “Chuveirão” (p. 42).

Figura 4: Atividade de contação de história e pintura realizada na sala de referência (p. 48).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A CRIANÇA NUMA PERSPECTIVA MODERNA E CONTEMPORÂNEA	
1.1.A infância numa sociedade moderna	13
1.2.A relação da criança no âmbito familiar e na sociedade capitalista	16
2. EDUCAÇÃO INFANTIL E MOVIMENTO CORPORAL: CONSIDERAÇÕES GERAIS	22
2.1.O Movimento na Educação Infantil	24
3. CAMINHOS PERCORRIDOS.....	29
3.1.Relatos das visitas ao CREI “Cantinho do Saber”	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIA.....	54

INTRODUÇÃO

O Tema do nosso trabalho, de pesquisa, é sobre O Movimento Corporal na Educação Infantil. O movimento é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, pois a locomoção, no ato espontâneo e lúdico, pode facilitar suas percepções para com os outros, consigo mesma e com o mundo.

O ato de se movimentar é algo do instinto natural do ser humano, pois antes mesmo de virmos ao mundo, o ventre materno torna-se um pequeno espaço para atender diversos movimentos desenvolvidos pelo feto. Logo, ao nascerem, novas descobertas vão surgindo através desse ato, a criança pequena aprende a engatinhar, sentar, caminhar, correr, pular, segurar objetos, brincar, entre muitas outras ações que as fazem, cada vez mais, ter controle sobre o próprio corpo.

Ao movimentarem-se, os infantes expressam sentimentos, anseios e pensamentos, aumentando as possibilidades do uso expressivo de gestos e posturas corporais. Partindo disso é de suma importância trabalhar o movimento na educação Infantil, pois essa é a primeira etapa da Educação Básica em que atende crianças de 0 a 5 anos, fase de desenvolvimento corporal, cognitivo, físico, social e emocional.

O interesse pela temática surgiu através da nossa participação nas disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia da UFPB, a saber: Organização e prática da Educação Infantil e Estágio Supervisionado II. Através delas, vimos como se dá a teoria e a prática no ambiente escolar das crianças pequenas de 0 a 5 anos. O ambiente nos despertou a curiosidade de aprender e conhecer mais profundamente esse espaço.

Sendo assim, buscamos entender a seguinte questão: Como o movimento está presente na prática pedagógica da Educação Infantil? Para responder esta questão, fomos a uma Instituição de Educação Infantil da cidade de João Pessoa e realizamos um trabalho de pesquisa qualitativa, onde fizemos observações com crianças de 2 a 5 anos de idade.

O objetivo do nosso trabalho é investigar como o movimento está presente na prática pedagógica da Educação Infantil; Mais detalhadamente, como objetivos específicos fomos compreender de que forma o movimento está sendo inserido nas propostas pedagógicas das professoras da educação infantil; Averiguar a utilização do movimento na prática do professor; Identificar nas atividades propostas os momentos livres e dirigidos além de, verificar se as crianças são contempladas com espaços e materiais diversificados.

Para o desenvolvimento desse trabalho, o nosso texto será assim dividido: iniciamos apresentando o trabalho, com a questão central e os objetivos do mesmo. Em seguida, iremos trazer a discussão sobre a infância contemporânea, pois consideramos que, para entendermos a importância do movimento na educação infantil é preciso entender quem são as crianças, quais as características dessa infância e porque o movimento precisa estar presente no seu dia-a-dia.

No terceiro capítulo, iremos fazer uma discussão sobre o movimento na educação infantil, já que o trabalho se destina a criança nessa etapa educacional. No quarto capítulo, vamos apresentar a metodologia do trabalho, o percurso que nós fizemos para chegar até a conclusão, foi através de observações, conversa informal com as professoras e análise dos dados coletados. Por fim, faremos as nossas considerações finais.

Este trabalho se torna importante pelo fato de tentarmos mostrar a realidade de atividades que realmente são colocadas em práticas no dia a dia de crianças da Educação Infantil, confrontando com os discursos das professoras e o que encontramos nos documentos oficiais destinados ao público infantil.

1. A CRIANÇA NUMA PERSPECTIVA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Entendemos que a infância precisa ser compreendida em vários contextos temporais. Portanto, neste capítulo iremos abordar as concepções de infância, na sociedade moderna e contemporânea, fazendo uma discussão no contexto brasileiro. Diante disso, pretendemos discorrer sobre o tempo e o espaço dela na sociedade e qual lugar destinado para elas, numa sociedade marcada por desigualdades e exclusão.

1.1. A infância numa sociedade moderna

Para iniciarmos a discussão sobre este tópico, faremos um breve “passeio” na história moderna e contemporânea, a fim de conhecermos e ampliarmos nosso olhar sobre como tudo começou.

Ao examinar as produções existentes sobre a história da infância pode-se constatar que somente a partir do século XIX, existiu a preocupação com o indivíduo pequeno, tanto no Brasil, como em outros países do mundo. Entretanto, mesmo a puerícia constituindo-se em um problema social, no mesmo século citado, ainda não foi o bastante para torná-la um problema de investigação científica. Estudos assinalam que até o início da década de sessenta, a história da infância e da educação pareciam ser dois eixos distintos e incompatíveis de pesquisa (Ariès, 1973).

Somente nos últimos anos, entre 1970-1980, o campo historiográfico rescindiu com as ríspidas normas da investigação tradicional, institucional e política, para abordar questões e problemas vinculados à história social. Isso se deu pela falta de uma história da infância e de registros historiográficos tardios que são indícios da incapacidade por parte do adulto de ver o infante em sua perspectiva histórica (Ariès, 1973).

A criança nunca tivera a oportunidade de realmente ser tratada como criança. Elas não eram consideradas indivíduos e sim seres selvagens que tinham que viver sobre as regras e ordem dos pais, sendo dominadas e maltratadas por punições avaliadas como atitudes corretas. Na verdade elas

eram propriedades dos pais, pois eles achavam que esta forma de disciplinar era educar.

A vida desses infantes era relativamente igual para todas as idades, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados. Por exemplo, as crianças tinham muito menos poder do que atualmente têm em relação aos adultos. Possivelmente, ficavam mais expostas às ríspidas punições dos seus responsáveis.

Podemos reconhecer que antes do século XVI, a consciência social não aprova a existência autônoma da infância como um grupo diferenciado da espécie humana. Passado o exato período de dependência física da mãe, esses indivíduos se incorporavam inteiramente ao mundo dos adultos (LEVIN, 1997).

Durante a Idade Média, antes da escolarização, as crianças e os adultos partilhavam os mesmos ambientes e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Nessa mesma sociedade, não havia a divisão territorial e muito menos de atividades em função da idade dos indivíduos pequenos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada para essa fase da vida.

Sendo assim, Jobim e Souza (2005, p.91) afirmam que “a noção de infância não é natural, mas profundamente histórica e cultural”. Partindo dessa afirmação, percebemos que a criança deve ser percebida como um ser cultural que expressa emoções, sentimentos e precisava ser vista com um olhar diferenciado em todos os aspectos que contribuem para seu desenvolvimento. Pois, segundo Sarmento, (s/d, p.12):

As culturas da infância exprimem a cultura social em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização no mundo.

Ou seja, fica claro que as crianças aprendem no seu mundo infantil e não só na convivência com os adultos. Elas também precisam de espaço para expressar o que pensam e o que sentem, sobretudo, o que está a sua volta.

Contudo, a institucionalização da infância, segundo Sarmento, (idem, p. 4-5), se deu a partir de quatro fatores, a saber: “a criação da escola, que veio com a intenção de homogeneizar o saber; as mudanças no seio familiar; a

produção do saber sobre a criança (pedagogia, psicologia, etc.) e a administração simbólica da infância (as normas)".

Sendo assim, Na Idade Moderna,

Descartes (2005) dá origem a um novo tipo de pensamento, que revoluciona a história da infância. Passam a ser analisada, com existências separadas, uma fisiologia para o corpo e uma teoria de paixões para a alma. É a alma que dá ordem ao corpo e comanda seus movimentos. Com Descartes, então, ocorreu a supervalorização de dualismos, fortalecendo a visão positivista de conceber o mundo e o próprio homem (LEVIN apud BRANCHER, NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2011, p. 05).

Em meio a esta dualidade, surge no século XVII, nas classes dominantes, a primeira concepção de infância, a partir da observação dos movimentos de dependência das crianças muito pequenas. O adulto passou, então, pouco a pouco a preocupar-se com o infante, enquanto ser dependente e fraco. Fato este, que ligou esta etapa da vida a idéia de proteção.

Só ultrapassava esta fase da vida quem saísse da dependência, ou pelo menos dos graus mais baixos de dependência, e a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida: a idade da necessidade de proteção, que perdura até os dias de hoje. Pode-se perceber, portanto, que até o século XVII, a ciência desconhecia a puerícia. Isto por que, não havia lugar para as crianças nesta sociedade. Fato caracterizado pela inexistência de uma expressão particular a elas. Foi, então, a partir das idéias de proteção, acolhida, dependência, que surge a infância. Os sujeitos pequenos, vistos apenas como seres biológicos, necessitavam de grandes cuidados e, também, de uma rígida disciplina, a fim de transformá-las em adultos socialmente aceitos. Segundo Levin (1997).

Nessa perspectiva, pode-se perceber que a criança era tida como um ser irracional e, portanto, incapaz de movimentar-se com sobriedade e com coerência no mundo. Entende-se, então, que a primeira preocupação com a infância ligou-se à disciplina e à difusão da cultura existente, limitando todo e qualquer movimento infantil destinado ao prazer e ao aprendizado. A criança, tida como um ser bruto, não teria meios psicológicos para realizá-los, bem como deixaria de aproveitar tal momento para aprender atitudes socialmente valorizadas, como nos aponta De Mause (1991).

Passou-se, então, a submeter o corpo da criança de várias formas, o que, na época, era considerado necessário para evitar os seus movimentos, bem como para exercer um controle efetivo sobre o pequeno ser. Assim, durante muito tempo, o único caminho existente foi uma rígida disciplina infantil. Ou seja, como forma de educar tais indivíduos, seus responsáveis atribuíam punições severas, consideradas corretas para essa fase da vida como maneira de discipliná-los.

Porém, através de Rousseau (1767), considerado um dos primeiros pedagogos da História, a criança começou a ser vista de maneira diferenciada do que até então existia. Rousseau (1995) propôs uma educação infantil sem juízes, sem prisões e sem exércitos. A partir da Revolução Francesa, em 1789, modificou-se a função do Estado e, com isso, a responsabilidade para com a criança e o interesse por ela. Segundo Levin (1997), “os governos começaram a se preocupar com o bem-estar e com a educação das crianças” (p. 254). Dessa forma, a partir das contribuições trazidas por alguns teóricos da época a criança pode ser vista com um olhar diferenciado e seus direitos puderem ser considerados e postos em prática.

1.2. A relação da criança no âmbito familiar e na sociedade capitalista

Atualmente, as gerações vivem segmentadas em espaços exclusivos. Na sociedade contemporânea, facilmente constatamos a separação das faixas de idade. Crianças, adolescentes, adultos jovens e velhos ocupam áreas reservadas, como creches, escolas, oficinas, escritórios, asilos, locais de lazer, etc. A exceção se dá na família. Sem dúvida, são no contexto familiar que ocorrem mais freqüentemente os encontros entre as gerações, ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo. A eficácia da família, como instância formadora de novos cidadãos, tem sido muito recriminada nos últimos anos. Principalmente as dificuldades da relação entre pais e filhos têm se caracterizado como o mais emblemático tipo de conflito de gerações (ADATTO, 1998).

Historicamente, percebe-se uma vasta mudança no seio familiar. A mesma “deixou” de ser uma linhagem extensa para atualmente serem famílias nucleares, ou seja, com poucos parentes dentro de casa. Porém, apesar de várias mudanças que vem acontecendo até aqui, ainda percebe-se algumas características que fazem parte da genealogia considerada tradicional, ou seja, aquela em que o homem é considerado superior a sua esposa, alguns pais tomam seus filhos como propriedade, grupos de parentes continuam numerosos, etc.

Essas mudanças que ocorrem no âmbito familiar estão totalmente interligadas com as mudanças referentes à definição de criança, pois ela é um ser social que pode sofrer constantes modificações.

Portanto, segundo Furlan (2003, p. 09) “percebe-se, então, que há uma determinação histórica da estrutura familiar que tem como ponto de discussão a questão das relações entre família e sociedade.”

Sendo assim, Levin (1997); Tucker (1991) apud Brancher, Nascimento, Oliveira (2011) apontam que,

A passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada caracterizou-se por importantes alterações no grupamento familiar. Nas sociedades baseadas na agricultura, a estrutura das chamadas famílias extensas era compatível com a necessidade de mão-de-obra para a lavoura de subsistência. Nesse tipo de família contava-se com a convivência de até quatro gerações, desde o bisneto até o bisavô, além da presença de parentes laterais e outros agregados.

No entanto, a linhagem característica da sociedade industrial é a família nuclear, composta de um casal e poucos filhos, quando existem. Mas, tanto o contingente de casais separados quanto o de solteiros que vivem sozinhos também é considerado. A necessidade de ágeis deslocamentos de mão-de-obra a indústria e exigüidade de espaços nas grandes cidades tem determinado esse encolhimento do grupo familiar. Essas mudanças na estrutura da estirpe têm contribuído para um maior distanciamento entre as gerações.

Contudo, a preservação da ascendência como algo privado, a parte da vida social é uma idéia tipicamente burguesa, com o próprio desenvolvimento de noções modernas, como por exemplo, o individualismo. A vida profissional e

a vida familiar abafaram essa outra atividade, que outrora invadia toda a vida: a atividade das relações sociais.

Com isso, há uma renúncia do próprio eu, quando não se pode mais viver de outra maneira se não for a que o mercado propõe; isso reflete também, a partir da explosão das novas tecnologias que se refere no âmbito pedagógico como instrumento inovador a todos os processos educacionais, que resulta em uma prática que consolida o crescimento da formação humana. Logo, esse avanço tecnológico está presente na vida dessa nova criança contemporânea. Sendo assim, as crianças entram em contato com as verdades do mundo em um ritmo mais acelerado. Contudo, os pais precisam “controlar” o que as crianças acessam no mundo virtual.

Essa atitude supracitada deve ser realizada com frequência, pois a televisão e o mundo virtual abrem janelas positivas e negativas. Sendo assim, a criança acaba sendo o principal alvo, pois ainda está em desenvolvimento emocional e social, com isso, acabam reproduzindo aquilo que veem, e escutam dentro da sua convivência familiar, Sirlei Koslowski (2009, p.38), afirma que:

Falar da infância contemporânea é falar de certas transformações ocorridas nos últimos anos em vários setores, que em combinação com o acesso infantil a informação sobre o mundo adulto, tem mudado drasticamente a infância. Fala-se de “infância perdida”, de “crianças que crescem muito rapidamente”, do “isolamento de um lar e de uma comunidade fragmentada”, de “crianças sendo assassinadas por seus pais ou por bandidos”, são os temas que dominam as conversas contemporâneas sobre as crianças.

Com isso, observamos que a infância está cada vez mais curta. Aquilo que lhe é apresentado, influenciará a sua forma de comportamento mais a frente. Como serão essas crianças ao se tornarem adultas? Da forma que a infância está sendo tratada, não é difícil de responder esta pergunta, pois a criança se espelha no adulto para se desenvolverem nos variados aspectos da vida e se no próprio âmbito familiar as crianças estão sendo “deixadas de lado” já imaginamos as consequências que esta atitude poderá ocasionar.

Estamos em um século, em que para “ser” precisamos “ter”. Isso é a marca da individualidade, que é resultado do mecanismo da contemporaneidade. Este resultado interfere no desenvolvimento das crianças,

já que está cercado, o tempo todo, de um discurso em que se valoriza o desejo de possuir tudo que almejar. Isso se denota em uma construção social e nas novas práticas existencialistas da humanidade, de sempre buscar o primeiro lugar em tudo, fazendo com que a criança se transforme em um ser consumista e intransigente, na busca incansável de conseguir o que quer.

Atualmente, as crianças são colocadas em instituições de ensino a partir do momento que completam a faixa etária exigida por tais instituições, geralmente, com 06 meses de vida. Essas passam todo o dia em creches ou em espaços semelhantes, pois, seus responsáveis trabalham durante todo esse período. Ainda que nesses locais haja contato com adultos, a relação entre os funcionários em geral e os infantes, não são muito amistosas, pois aqueles são designados para cuidar destes, fato que estabelece uma convivência limitada e restritiva, porque é marcada por papéis bem definidos. Menos que amigos, esses adultos são autoridades que zelam prioritariamente pelos cuidados.

O indivíduo pequeno precisa sim, ter um adulto por perto que lhe ensine os encaminhamentos da vida e cuide da sua integridade física e moral, porém, não é só de cuidados em geral, que os infantes necessitam para se formarem enquanto cidadão. Sendo assim, é importante, pois, compreender a infância e, conseqüentemente, a criança não como um ser único e universal, mas sim, como um ser cultural, que vive uma experiência social e pessoal, construída e ressignificada continuamente. Os indivíduos pequenos não são e não existem como seres abstratos e generalizáveis. Ao contrário, infantes em tempos e espaços diferentes vivem sua experiência de infância de modo muito particular e diverso. Sendo assim, segundo Tosatto (2009,p. 29), precisamos:

Desconstruir essa ideia de uma criança universal é essencial para podermos olhar, sentir e conhecer as tantas crianças que vivem suas infâncias nos dias de hoje, pois, com isso, saímos do campo da uniformidade e da homogeneização, e cedemos um lugar precioso para a variedade e a heterogeneidade. É de fundamental importância conceber os infantes como seres humanos concretos e reais, pertencentes a diferentes contextos sociais e culturais constitutivos de suas infâncias.

Sendo assim, conhecer o ser criança pressupõe um olhar atento e sensível, tanto para o contexto sociocultural ao qual ela pertence quanto para o

próprio infante, pois ela não é somente um produto da cultura, mas criadora de culturas; um ser que possui uma alteridade em relação ao mundo adulto, que constrói teorias próprias e um jeito particular e especial de interagir com o mundo para tentar compreendê-lo, transformá-lo, criá-lo e recriá-lo da melhor maneira possível.

Com isso, entendemos que a criança se manifesta em muitas ações, criações e comportamentos variados de acordo com cada momento vivido por ela. Como exemplo, podemos citar a brincadeira, na qual o infante revela sua capacidade de ampliar, transformar e ressignificar a realidade em que vive. Isso significa dizer que o indivíduo pequeno não imita ou copia de forma simples e direta o mundo dos adultos, mas sim, o transforma, modifica, contradiz, expande e confirma. Ou seja, ela reflete e organiza idéias próprias sobre o mundo, revelando suas necessidades, interesses, conhecimentos e desejos. Deste modo,

É essencial, portanto, olharmos para as crianças como produtoras e transmissoras de culturas que devem ser identificadas, potencializadas e preservadas, ou seja, precisamos olhar e conhecer as crianças com base no olhar que elas próprias têm sobre si e o mundo; conhecer as infâncias pelas vozes das crianças (TOSATTO, 2009, p. 29).

Com base no que foi exposto, pode-se sintetizar que a concepção do infante muda de acordo com cada período vivenciado por ela. Vimos que, do contexto histórico até a contemporaneidade, a criança passou por várias fases. Em uma destas, a criança era vista como um animal selvagem e mais a frente passou também a ser considerado um adulto precoce, que tinha a liberdade de consumir materialmente o que quisesse.

A presença familiar é bastante importante na contribuição do desenvolvimento sócio, emocional e cultural do indivíduo pequeno. O infante se espelha no adulto que frequenta sua rotina e isso influenciará na formação e comportamento futuro. Dessa forma, elas precisam de mais atenção, espaço e dedicação dos seus responsáveis. Os pais pensam que substituir o cuidado por um brinquedo ou objeto qualquer cobrirá a falta que fazem na vida pessoal, educacional e futuramente profissional desse infante.

Pelo contrário, quanto menos atenção à criança tiver maior serão os prejuízos acarretados por esta atitude, ou seja, elas precisam desse apoio para se sentir confiante de si mesma e poder prosseguir nos diversos aspectos que contribuem para seu desenvolvimento.

Atualmente, precisamos permanecer em constante atualização, pois a cada dia que passa acontece mudanças no meio social, político, cultural e econômico. Essas mudanças estão totalmente ligadas às novas visões que se tem do “ser” criança hoje.

O ser pequeno, hoje, é um ser bastante ativo e pode desfrutar de avanços e conquistas que foram almejadas para essa classe, com muita luta, desde os séculos passados. As leis que lhes resguardam dão direitos mínimos de sobrevivência, no que diz respeito a cuidados com saúde, alimentação, limpeza, conforto, liberdade, educação entre outros fatores que antigamente eram lhes negado.

Nessa perspectiva, para compreendermos um pouco mais sobre os espaço e direitos que as crianças pequenas foram adquirindo com o tempo, através de esforços realizados por pessoas que considerava o infante como indivíduo, pertencente também da sociedade, iremos, no capítulo a seguir, apresentar discussões acerca dessa ampla e importantíssima temática.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL E MOVIMENTO CORPORAL: CONSIDERAÇÕES GERAIS

As creches são produtos da revolução industrial. No Brasil, surgiu em função da estruturação do capitalismo, e com ele a possibilidade dada às mulheres em ocupar o mercado de trabalho, já que precisavam de algum espaço para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Assim, a creche surge como uma Instituição assistencial a fim de suprir as necessidades impostas na época.

Em 1980, passou a ocorrer estudos e pesquisas sobre a educação infantil com o objetivo de discutir a função da Creche e Pré-Escola. Concluiu-se que, independentemente, da classe social, a educação da criança é de extrema importância e que todos/as deveriam ter acesso a ela, tendo garantia de segurança e qualidade, como expostos nos documentos oficiais. Já em 1988, a Constituição Federal brasileira define que quem teria o dever de ofertar os serviços educacionais nas creches e pré-escolas era o Estado. Dois anos depois, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil. (LDB/96)

A partir das reformulações das políticas educacionais, a Educação Infantil passou a ganhar um olhar diferenciado ao atendimento da infância, ao priorizar um currículo pensado e estruturado para a criança. Por isso, compreende-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), fixadas pela resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, é um importante documento onde norteia o trabalho nesta etapa da educação.

Falar da Educação Infantil significa considerar que a criança se encontra em suas primeiras experiências de vida dentro do espaço escolar, onde as creches e pré-escolas têm como responsabilidade oferecer propostas pedagógicas que introduza a criança nesse universo, respeitando o direito de cada uma viver a sua infância, de modo que o sujeito possa se relacionar e vivenciar diferentes situações em seu cotidiano.

Sendo assim, Iza e Mello (2009, p. 285), confirma o exposto a cima ao dizer que a criança, desde o nascimento, é cercada de experiências sociais, inicialmente com os familiares, depois com adultos “estranhos”, com outras crianças e, na medida em que ela interage com o mundo que acerca, aprende

como é o seu funcionamento, compreende os comportamentos que caracterizam a sociedade em que vive.

Nesse sentido, “as profissionais da Educação Infantil são de extrema importância no processo de desenvolvimento das crianças e na qualidade das relações estabelecidas com elas. A criança vai apreendendo as ações práticas, essenciais para atuar na sociedade” (IZA E MELLO 2009, p. 285).

Contudo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica no artigo III, aponta como um dos objetivos que é preciso:

orientar os cursos de formação inicial e continuada de profissionais – docentes, técnicos, funcionários – da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam (DCN, 2013, p. 7-8).

Com isso, compreende-se que é importante a formação continuada dos professores, pois a qualificação dos profissionais da Educação Infantil permitirá uma melhor contribuição na formação inicial do sujeito pequeno. Ou seja, o docente estando atualizado, poderá realizar com maior satisfação seu trabalho pedagógico em sala de aula.

Além da formação continuada, o/a educador/a também poderá buscar junto a documentos oficiais, como o RCNEI, a LDB entre outros recursos para facilitar seu desempenho pessoal e profissional. Também, podemos citar a DCNEI, que traça o percurso do currículo, estabelecendo caminhos a serem percorridos, mostrando idéias e concepções a serem seguidas por todo/a profissional da educação infantil.

Sendo assim, a Educação Infantil é uma etapa da educação básica compartilhada entre o Governo Federal e os Municípios, que deve oferecer a todas as crianças educação na fase da infância. Educação essa, que deve propiciar direito a liberdade, autonomia, boa alimentação, conforto na hora do descanso e limpeza, sem deixar de lado o que mais diz respeito a essa fase, que são os momentos lúdicos que geram desenvolvimento, prazer e diversão. Logo,

A finalidade da Educação Infantil é proporcionar o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos, físico, intelectual, lingüístico, afetivo e social, visando complementar a educação recebida na família e em toda a comunidade em que a criança vive, conforme determina o artigo 29 da Lei nº 9.394/96 (NISTA-PICCOLO, 2012, p. 15-16).

Com isso, a criança se desenvolverá em todos os aspectos que permeiam sua vida. Contudo, salientamos que para isso acontecer, é preciso que o/a educador/a desenvolva atividades que proporcione o movimento na criança, porém, o movimento aqui mencionado não deve ser apenas motor e sim relacionado com atividades de resolução de problemas, questionamentos, criatividade, compreensão, atenção, memória, abstração, entre outras habilidades importantes para a vida do infante.

2.1. O Movimento na Educação Infantil

O movimento corporal deve ser aperfeiçoado pelas educadoras da Educação Infantil de maneira a contemplar os diversos aspectos ligados a vida da criança, através de atividades prazerosas e desafiadoras que favoreçam novas conquistas corporais. Contudo, devem ser respeitadas as etapas de desenvolvimento da criança e sua faixa etária, planejando atividades diversificadas direcionada a cada idade.

Com isso, Iza e Mello (2009, p. 287) afirmam que,

a criança apreende o mundo por meio das mediações dos adultos, dos objetos e das outras crianças e, nesse processo, os movimentos que executa nas atividades são fundamentais para o seu desenvolvimento. Assim, é necessário que a professora coloque à disposição da criança diversos materiais, possibilite interações com outras crianças e esteja atenta aos movimentos, pois a criança adquire inúmeros conhecimentos explorando não apenas o próprio corpo, mas também o ambiente e os objetos que a cercam.

Sendo assim, outro fator importantíssimo que deve ser levado em consideração é a presença e apoio da família. É no seio familiar que a criança tem seu primeiro contato com pessoas adultas e o mundo. A família precisa ter consciência da importância dessas atividades que são planejadas para seus

parentes e para que se obtenha maiores informações, a Instituição precisa acolher os pais e incentivá-los ao acompanhamento do desenvolvimento integral da sua criança.

Devemos entender que o ser humano pequeno é um indivíduo complexo, sabendo disso, a criança não deve ser instruída de forma simples, ou seja, por meio de padrões que não façam sentido para elas ou mesmo vê-las como partes fragmentadas que precisem ser juntadas para ser entendida. Dessa forma, podemos alegar que, a partir das interações que a criança faz com outros infantes, com os adultos e seus familiares, é que ela constrói seu conhecimento nas diferentes dimensões. Com isso, entendemos que,

a criança real ri, corre, conversa, faz barulho, perturba, é bondosa e maldosa, é amorosa e perversa, enfim, é criança, e como tal exercita sua motricidade o tempo todo na descoberta do mundo. Esse é o protótipo de aluno na Educação Infantil (NISTA-PICCOLO, 2012, p. 64).

Para que isso aconteça, é preciso que os/as docentes das instituições infantis saibam pensar e planejar atividades exploratórias que desafiem as crianças a se movimentarem, através da dança, da pintura, do correr, do pular, rolar, subir, etc. É necessário explorar as ações que são despercebidas por elas para que assim possam experimentar sensações diversas e reconhecer o seu próprio corpo. Nista - Piccolo (apud NISTA-PICCOLO, 2012, p.35) completa esse trecho ressaltando que “as acrobacias que proporcionam um autoconhecimento, os movimentos ritmados e as habilidades de percepção visual, auditiva e corporal são movimentos fundamentais.”

A mediação das professoras no desenvolvimento das atividades de Movimento na Educação Infantil é de extrema importância e por isso devem ser planejadas, visando ao desenvolvimento das crianças pequenas, de maneira que tragam efetivamente benefícios à vida destas em sociedade (IZA E MELLO, 2009, p. 289)

Portanto, nessa perspectiva, utilizar objetos de formas e tamanhos diferentes também é importante nessa fase de descobertas, isso levará a crianças a investigar, pensar e raciocinar, percebendo o meio a sua volta de diferentes maneiras. Fazer com que peguem algo em uma determinada altura, irá instigá-los a refletir qual será a melhor forma de alcançar tal objeto.

Trabalhando dessa forma, essas atividades levarão a aprendizagem constante, pois o ser pequeno possui necessidade de se locomover, se tornando essencial, explorar variados movimentos que estimule novas descobertas e desenvolva a sua autonomia.

A identidade da criança vai moldando-se através da interação com o meio, e o movimento na Educação Infantil é um meio de interação. Se o infante não tem autonomia para brincar, correr, pular, saltar e/ou de praticar qualquer outra atividade que possibilite sua locomoção ela provavelmente terá seu desenvolvimento motor atrofiado. É pelo movimento que a criança vai conhecer a si mesmo e o outro, sabendo os limites, até onde pode empurrar, tocar, etc e isso se dá a partir da interação mútua.

Dessa forma é que estimulando contato com outras crianças, elas irão aprender a se relacionar melhor. Depois do nascimento podemos observar que o movimento estará presente desde o primeiro ano de vida, a criança utiliza o corpo para demonstrar suas vontades, emoções e gostos. A psicomotricidade vem auxiliar o desenvolvimento motor e intelectual da infante. Segundo Sergio (apud NISTA-PICCOLO, 2012, p. 39), é “pela atividade motora que o homem corporiza o sentido que imprime à sua vida”.

Nessa perspectiva, o movimento corporal é uma prática essencial para o desenvolvimento integral do infante em Instituições de Educação Infantil. A realização do movimento corporal na Educação Infantil deve ser conciliada com os aspectos físico, psicológico, intelectual e social da criança. O educador possui um papel importante no desenvolvimento corporal da criança, ao proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, devendo respeitar o desenvolvimento e a individualidade de cada uma.

Sendo assim, o movimento proporciona à criança experiências tanto internas como externas, que são importantes para a evolução da sua personalidade. Considerando o movimento nessa amplitude, ele estará presente em todas as fases da criança, como argumenta o autor abaixo:

O esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação, a imagem, a percepção do próprio corpo. As primeiras descobertas do “eu” são feitas pelas crianças, em seu próprio corpo. As sensações, o toque em si mesmo são importantes. A

própria criança percebe-se e percebe os seres e as coisas que a cercam, em função de sua própria pessoa. Sua personalidade desenvolverá gradativamente uma progressiva tomada de consciência do seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta (BORGES, 1987, p.43).

Nessa perspectiva, para Souza e Gracioli (2014, p. 103), o movimento deve gerar oportunidades de vivência corporal prazerosa para a criança, despertando o prazer nas atividades motoras, na expressão, no movimento para a vida toda, e não somente durante a infância. Para proporcionar o movimento motor, na Educação Infantil, deve existir espaço para a liberdade e interação com outras crianças. Sendo assim,

O movimento deve estar vinculado a ações cognitivas e afetivas, em que a criança se veja obrigada a pensar e planejar sua movimentação [...], vivendo cada movimento não só com os músculos, nervos e tendões, mas também e, principalmente, com o coração e com a cabeça (RABINOVICH, 1997, p.28-29).

Com isso, entendemos que o movimento corporal também deve fazer sentido para a criança e não ser apenas um momento lúdico aonde só irão, ou não, brincar de algo que lhe despertou interesse. Portanto,

“na Educação Infantil, deve ser priorizadas atividades que possibilitam à criança descobrir seus limites, enfrentar desafios, conhecer e valorizar o próprio corpo, utilizando processos que incluam os diversos aspectos que contribuem para o seu desenvolvimento. A prática motora mecanicista não deve ser proposta, ou seja, a criança se mexer de acordo com a orientação do educador. Essa prática limita os movimentos da criança, inibindo seu desenvolvimento”(SOUZA E GRACIOLI 2014, p. 103).

Segundo o Proinfantil (2006) o movimento está relacionado por muitos, como bagunça e descontrole, sendo uma forma errada de pensar. O movimento deve ser considerado como ponto de partida para a organização e sistematização do conhecimento, estimula a fala e o relacionamento, permitindo que a criança se arrisque, avalie e consiga lidar com suas frustrações e reconheça suas conquistas. “O desenvolvimento motor da

criança é contínuo, e se aprimora de acordo com os desafios e estímulos, respeitando as necessidades reais do corpo” (Souza e Gracioli, 2014, p. 103).

É relevante que o docente da Educação Infantil possua uma postura, por vezes, “infantil”, para que ocorra uma interação harmoniosa entre o educador e o infante, no entanto, só o “ser criança” não garante que a prática educativa voltada para o movimento corporal favoreça um leque de novas descobertas, que somente uma atividade bem elaborada e planejada pode proporcionar.

No capítulo a seguir, falaremos os caminhos percorridos que nos nortearam para a desenvoltura deste trabalho.

3. CAMINHOS PERCORRIDOS

Este trabalho tem como tema de pesquisa “O Movimento Corporal na Educação Infantil” e nosso objetivo central é investigar como o movimento está presente na prática pedagógica da Educação Infantil. Para identificarmos esta questão, foram realizadas observações das atividades da rotina diária da creche pesquisada para investigar como as atividades de Movimento eram vivenciadas com as crianças de 2 a 4 anos de idade. Para isso, utilizamos da abordagem análise qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Sendo assim, para Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Foram utilizados observações e conversa informal, nos períodos da manhã e da tarde, durante uma semana em diferentes horários, situações e faixas etárias das crianças, de maneira que pudéssemos garantir maior variedade e veracidade das informações.

As observações e as conversas foram realizados com seis monitoras/professoras (2 por turma) responsáveis pelas seguintes faixas: 2 anos (maternal I), 3 anos (maternal II) e 4 anos (pré I).

A creche pesquisada foi fundada no dia 15 de março de 1993 e atende crianças na idade de 06 meses a cinco anos, no total de 165 crianças, sendo todas em período integral. São seis educadoras distribuídas da seguinte forma: duas profissionais para o maternal I, que comporta 30 crianças (as), duas para o grupo de crianças de três anos (maternal II) com também, 30 crianças e duas para o grupo de 4 anos (pré I) com 26 infantes, sendo uma professora para cada faixa etária e 1 monitora para auxiliar nas atividades gerais.

Para organizar os dados observados, foi necessário fazermos um “caderno de anotações” para podermos registrar e posteriormente identificar as

atividades desenvolvidas pelas professoras, tais como: alimentação, descanso, atividade dirigida, etc.*

Assim, no caderno de anotações, foram registrados aspectos relativos à organização da creche. Para tal, consideramos os seguintes aspectos: tipo de atividade desenvolvida, tempo de duração da atividade, espaço utilizado, seqüência dos acontecimentos em que a professora realizou a atividade e envolvimento das crianças, além de ações que retratam como a professora desenvolveu a atividade e organizou o espaço. Esses elementos nortearam a análise das observações realizadas.

Na rotina diária, o foco central de investigação deste trabalho foi investigar o desenvolvimento das atividades que gerassem o movimento corporal, promovidas pelas professoras para as crianças pequenas. Assim identificaram-se, nos relatos, as informações sobre Movimento na rotina da creche.

No subtópico a seguir, iremos relatar nossas observações realizadas na Instituição de Ensino já mencionada anteriormente, contrapondo com a “fala” das professoras e com alguns documentos oficiais, a saber: RCNEI, DCNEI, entre outros.

3.1. Relatos das visitas ao CREI “Cantinho do Saber”*

Realizamos nossa visita no CREI Cantinho do Saber, instituição de ensino pública infantil, situada na cidade de João Pessoa, onde observamos, durante uma semana, a rotina de algumas turmas, no que diz respeito às questões que envolveram o movimento na Educação Infantil. Fizemos uma divisão dos dias visitados para que pudéssemos contemplar as salas com crianças de 02 a 05 anos de idade.

A Instituição pesquisada foi fundada ,no dia 15 de março de 1993, e atende crianças na idade de 06 meses a cinco anos, no total de 165 crianças, sendo todas em período integral. O CREI disponibiliza cinco salas para atender esses

*Nome fantasia.

infantes, a saber: 01 berçário, maternal I - II e pré I – II. Na infraestrutura, as crianças contam com água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; esgoto da rede pública; lixo destinado à coleta periódica; acesso à Internet e banda larga.

Além dos equipamentos como TV; copiadora; equipamento de som; impressora; equipamentos de multimídia; DVD e aparelho de som, o CREI também dispõem de várias dependências, a saber: 38 funcionários; sala de diretoria; alimentação escolar para as crianças; cozinha, banheiro dentro do prédio; banheiro adequado à educação infantil; sala de secretaria; banheiro com chuveiro; refeitório; despensa; almoxarifado; pátio coberto; pátio descoberto; área verde e lavanderia.

A Instituição Infantil passou por reparos na pintura interna e externa; retelhamento; consertos hidráulicos e elétricos, fora os novos brinquedos que foram anexados no chão da área aberta (pátio), assim como mostra a imagem a seguir:

Figura 1: Imagem da área aberta onde as crianças realizam atividades de movimento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos dois primeiros dias, ficamos na sala de crianças com 02 anos de idade (Maternal I); nos outros dois dias ficamos no Maternal II, crianças de 03 anos e no último dia observamos a sala do Pré I, com crianças de 4 anos. Optamos por essa turma porque a sala de aula do Pré II é bastante pequena e ficaria muito “apertado” para estar à professora, a monitora e nós duas realizando a pesquisa. Os assuntos, trabalhados nas duas turmas, são praticamente o mesmo, apenas o ritmo é um pouco mais acelerado, pois as crianças são da faixa etária de 05 anos de idade.

Antes de irmos realizar a pesquisa no CREI, precisamos da autorização da DGC – Diretoria de Gestão Curricular, responsável pelo setor de Educação Infantil, localizado na Prefeitura Municipal de João Pessoa, no bairro de Água Fria, na Rua Diógenes Chianca, nº 1.777. Após sermos autorizadas, nos deslocamos até a Instituição Infantil, local escolhido para realização da pesquisa, onde, antecipadamente nos apresentamos e explicamos o motivo de estarmos ali. Desde o primeiro momento fomos muito bem acolhidas por toda equipe, desde o porteiro até a diretora. No dia 29 de agosto de 2016, iniciamos nossa ida a campo.

3.1.1. Primeiro dia de visita – 29/08/2016

Nesse primeiro dia, ao chegarmos, novamente nos apresentamos e com receptividade fomos encaminhadas até a turma do Maternal I. Explicamos a professora e a monitora da turma quem éramos e o que iríamos fazer; ficaram super tranquilas, falaram que estavam à disposição para nos ajudar no que fosse preciso e nos deixaram a vontade para observar a rotina da turma. A professora nos passou, detalhadamente, como é a rotina, que serve para todo o CREI. Cada professora das turmas apenas se organiza como irá proceder suas atividades durante aquele dia, pois os horários são iguais para todos(as).

De 07h: 00 da manhã a professora recebe as crianças e dá um brinquedo para eles/as enquanto ela e a monitora trocam as roupas que as crianças vieram pela farda da creche. De 07h: 30 é o café da manhã.

Das 08h: 00 às 09h: 00 é a acolhida, ou seja, é onde começam as atividades dirigidas, chamada de “momento da rodinha”. Neste momento, a

professora juntamente com a monitora e as crianças cantam músicas aleatórias de acolhimento trabalhando sobre o tempo daquele dia, se está chovendo, ventando, nublado ou fazendo sol e em seguida é trabalhado o que foi programado para o dia. O assunto da semana foi sobre o Folclore.

A professora explicou para as crianças que o folclore é uma festa popular, apresentando algumas cantigas de roda e brincadeiras. Além de dançarem “xaxado”, ela levou para a turma algumas catembas de coco e realizou com as crianças a dança “coco de roda”, em que as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e manusear um instrumento até então desconhecido pela maioria. Dançaram e cantaram na roda batendo uma catemba na outra, ficaram bastante animados com os sons reproduzidos pelo instrumento.

Após as danças, também exploraram algumas brincadeiras populares que foram realizadas na sala de vivência, como, a “dança das cadeiras” e “cobra cega”. Para a primeira, são colocadas no centro da sala várias cadeiras, porém, sempre terá uma a menos que a quantidade de pessoas. É cantada alguma música enquanto os infantes circulam as cadeiras; quando para a música todos correm em busca de procurar um lugar para sentar, quem ficar em pé sai da brincadeira; na brincadeira da “cobra cega”, uma pessoa tem os olhos vendados e terá que conseguir tocar em alguém sem enxergar nada, as demais crianças tem que fugir, senão será a próxima a ser a “cobra cega”.

Percebemos que estas atividades lúdicas proporcionam o movimento corporal da criança, além de promover interação entre os/as participantes. Tais atividades se tornam importante pelo fato de estar promovendo a locomoção física e motora dos infantes. Com isso, Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 39) afirmam que “Os movimentos podem auxiliar na construção da expressividade, na capacidade reflexiva e no reconhecimento dos seus potenciais e dos seus limites.”

A professora nos relatou que também, desde a semana anterior, já vem trabalhando esse assunto com a turma através de contações de histórias. Por meio das contações de história a professora apresentou para as crianças algumas lendas, como Boi-Tatá, Boto cor de rosa, Curupira, Saci Pererê e entre outras; através de desenhos ilustrados ela vai mostrando as imagens que representam os personagens das lendas. Não acompanháramos essa

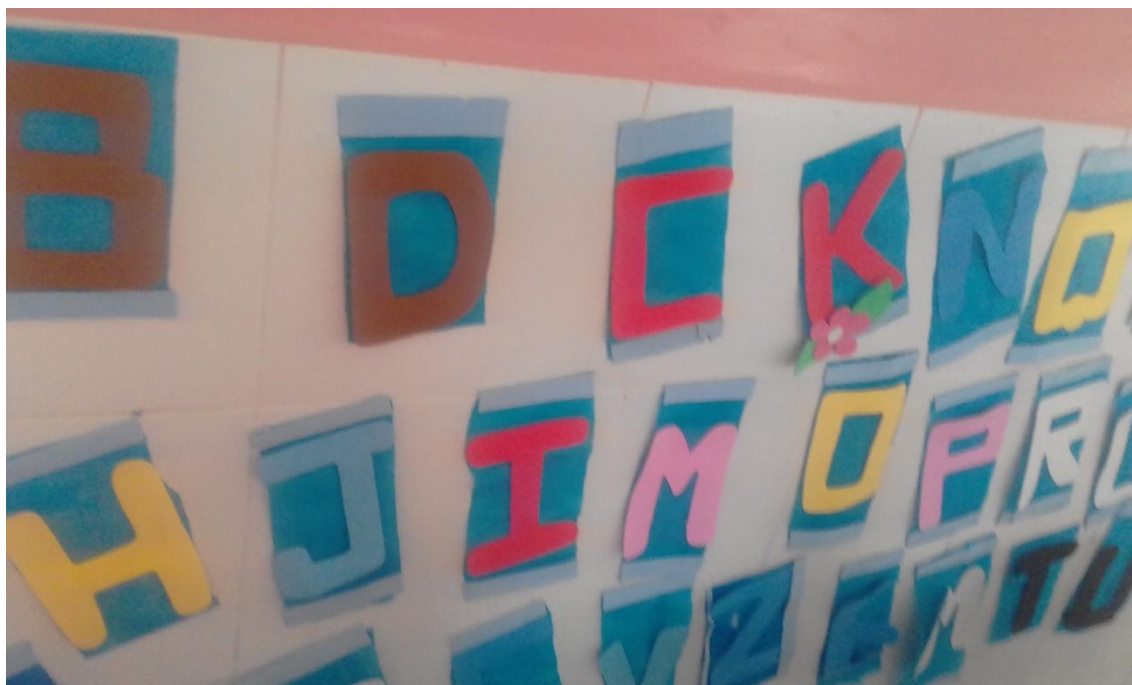
atividade, mas, segundo a professora, ela junto com a monitora e as crianças iria, com materiais recicláveis, confeccionar o “Boi Tatá” na sala de referência.

Todas essas atividades citadas acima foram trabalhadas antes de começar a aplicar o que foi preparado para o dia, ou seja, ela apresentou para a turma o que seria o folclore para depois trabalhar a palavra em si.

Após todo esse processo de conhecimento do folclore, com as lendas, as cantigas e brincadeiras populares foi que a professora escreveu no quadro a palavra “FOLCLORE”, mostrando para as crianças quais são as letras que a mesma compõe além de contarem quantas letras a palavra tem.

As crianças também vão se apropriando dos conceitos matemáticos básicos, pois na “rodinha” é perguntado quantos crianças vieram, se tem muito ou pouco etc. Partindo disso, foi trabalhada em sala a letra “F”. Entretanto, consideramos essa atitude bastante avançada para esta faixa etária. A docente apresenta o alfabeto de forma diferente, ou seja, não é aquele alfabeto onde as letras são seqüenciais “A-B-C..”, as letras são apresentadas aleatoriamente por exemplo, “D-G-F-A..”. Assim como mostra a imagem abaixo:

Figura 2: Alfabeto não seqüencial utilizado pela educadora da turma.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ela trabalha cada letra de acordo com o conteúdo que será ministrado. Segundo a professora, com esta estratégia, a maioria das crianças já conhece várias letras do alfabeto. Consideramos de suma importância essa estratégia utilizada pela educadora, pois ela deve sempre observar as dificuldades da turma e procurar maneiras que contribuam para o melhor entendimento e aprendizado das crianças. Geralmente, a maioria das professoras, utiliza o alfabeto de forma seqüencial, e se ela não inovar suas aulas com propostas diferentes, a criança que tiver alguma dificuldade poderá se prejudicar no seu desenvolvimento cognitivo, pois ensinar letras não é objetivo da educação infantil. Sendo assim, para Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 91),

Um professor criativo é aquele que busca variar seus encontros com as crianças, proporcionando sempre situações diferenciadas para elas vivenciarem. Variando o ambiente, os materiais, as músicas, os ritmos, as indumentárias e as combinações tanto de movimentos como de aparelhos.

Nesse momento, é perceptível a interação das crianças com a professora e com as atividades propostas. A maioria participa, assiduamente, e demonstra interesse no que é ministrado, pois a professora é bastante irreverente com a turma e isso faz com que as crianças sintam-se seguras para interferir quando necessário. Para se trabalhar com a Educação Infantil, é necessário que o professor esteja preparado e tenha experiência na área, pois assim o docente saberá como deixar o ambiente sempre aconchegante e agradável fazendo com que as crianças “ampliem a confiança e a participação nas atividades individuais e coletivas” (DCNEI, art. 9º, § 5º).

Das 09h: 00 às 09h: 30 é hora do lanche; no término, voltam para a sala de referência. Das 09h:30 às 10h:30 é hora do banho e da troca de roupa das crianças. De 10h: 30 é a hora do almoço. Ao terminarem, retornam para sala de vivência e vão repousar (dormir) até 13h: 30. De 13h: 30 as crianças são acordadas para lanche, após o lanche retornam para sala de atividades e ficam até 15h:00 fazendo atividades, seja ela livre ou coordenada. De 15h: 00 é hora do banho e de trocar a roupa da creche pela roupa que veio de casa. De 15h: 30 é o jantar; ao término, voltam para sala de referência e ficam até as 17h: 00 aguardando os pais virem buscá-los. A professora faz uma rodinha

com as crianças, conta algumas historinhas e depois dá brinquedos e/ou os deixam livres para brincarem.

Nesse primeiro dia, onde relatamos a rotina, em questões de espaços e materiais, pudemos observar que a sala de atividades tem mesa e cadeira para atender as necessidades da professora, monitora e crianças; é espaçosa, os mobiliários favorecem as experiências dos infantes e contém utensílios variados que atendem a demanda de quantidade de crianças. Porém, os brinquedos não são acessíveis às crianças; nos momentos livres a professora é que oferece os brinquedos aos infantes. Sabemos que essa atitude não deveria acontecer, portanto, como os mobiliários, os brinquedos também deveriam estar em espaços acessíveis a elas, assim como ressalta os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil.

Os Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil (2006) possui sete indicadores, que cita todas as dimensões que um CREI deve possuir para ser considerada de qualidade e consiga atender essa população. No item5 “Avaliação da dimensão espaços, materiais e mobiliários” é citado três pontos necessários para que se possa atender as crianças de forma satisfatória, são eles:

- ▶ 5.1. Espaços e mobiliários que favorecem as experiências das crianças
- ▶ 5.2. Materiais variados e acessíveis às crianças
- ▶ 5.3. Espaços, materiais e mobiliários para responder aos interesses e necessidades dos adultos.

Percebemos também que nos momentos livres, na maioria das vezes, ao receberem os brinquedos os pequenos deveriam ficar sentados em seus lugares, sem poder sair, daí que vem a contradição, se o momento é livre, porque não podem sair do lugar? É nessa hora que as crianças deveriam se sentir libertas para sozinhas ou entre os demais fossem construindo novos saberes, identidades, autonomia, respeito, regras, etc. Como diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, p. 15), “O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana”. Ao estarem se movimentando estarão se conhecendo e conseqüentemente respeitando o espaço do outro, pois elas se movimentam desde o nascimento,

adquirindo cada vez mais controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo.

3.1.2. Segundo dia de visita – 30/08/2016

Ao chegarmos ao CREI, continuamos nossa observação no Maternal I. As crianças estavam repousando. Após acordarem foram para o refeitório lanchar e em seguida retornaram para a sala de vivência. A monitora organizou as crianças em forma de círculo no canto da sala, logo a professora se aproximou e começou a conversa continuando o assunto da semana, sobre o folclore, ela comentou sobre alguns personagens do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, como a “Emília”, o “Visconde” (que representava um alimento, o milho) e o “Saci-Pererê”.

Ao falar do “Saci-Pererê”, a professora pediu para que as crianças ficassem em pé e imitassem o personagem pulando de um pé só, levantassem os braços direito e esquerdo, abrissem a boca e olhassem para o nariz e os olhos dos colegas que estavam em sua volta. Atividades como essas proporcionam a interação entre criança-criança e criança-professor e “quanto mais ela domina os movimentos do próprio corpo, mais se encanta com suas possibilidades de agir e se propõe a mais experiências” (NISTA-PICCOLO E MOREIRA2012, p. 38).

Percebemos que, dessa forma, ela trabalha com as crianças as partes do corpo humano, a questão da lateridade e quantidades, além de estar promovendo o movimento entre as crianças. Logo, segundo Mello (2001),

A importância do/a educador/a como mediador(a) no processo de desenvolvimento das crianças é incontestável, por isso há a necessidade de ter conhecimentos claros e específicos para a realização do trabalho educativo intencional junto às crianças pequenas.

Sendo assim, se faz necessário, o (a) docente ter formação continuada, pois além de estar se capacitando ele saberá como proceder, dentro ou fora da sala de vivência, atividades livres e/ou dirigidas que proporcionem o movimento, a ludicidade e a liberdade de expressão das crianças pequenas.

Ao término dessa atividade, a professora e a monitora começaram a organizar algumas crianças porque se aproximava o horário da janta. Enquanto elas arrumavam uma quantidade de crianças, os/as outros/as ficavam “livres” para brincarem.

Nesse momento, houve bastante interação entre eles, pois corriam na sala e brincavam entre si de diversas maneiras, a saber: corriam, cantavam, faziam rodinhas, cantavam músicas infantis etc. De vez em quando, um brigava ou empurrava o colega, mas, logo a professora intervia na situação, reclamando para não fazerem aquilo. Como exemplos de brincadeiras realizadas espontaneamente pelos menores podemos citar: “Toca-toca”, “esconde-esconde” e cantiga de roda com a música “Atirei o pau no gato”.

Sendo assim, o RCNEI (1998, p.15) ressalta que, “ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas”. Entendemos que esses momentos são importantes na vida de toda criança pequena, pois para se desenvolverem, em todos os aspectos, elas precisam interagir com outras crianças e terem esses momentos livres para se sentirem autônomas dos seus próprios atos.

Percebemos que as maiorias das crianças são bastante unidas umas com as outras e tinham um bom relacionamento com a professora e a monitora, pois elas as tratavam com respeito e carinho. No momento em que as crianças ficaram “soltas” a professora não intervia nas brincadeiras, as deixavam livres para criar, reinventar ou reproduzir alguma brincadeira já conhecidas por elas. Essa atitude da professora também é uma forma de estar proporcionando que os infantes tenham liberdade de expressão. Deixar a criança livre para criar, recriar e liberar suas emoções é um ato fundamental tanto quanto nas atividades mediadas quanto nas atividades livres.

Ao concluírem a troca de roupa de toda a turma, a docente deu continuidade, realizando outra atividade. Ela foi até o quadro branco, escreveu a palavra “SACI” e começou a trabalhar com as crianças, cada letrinha da palavra, perguntando se eles conheciam algo (palavra, objeto, etc) que começasse com determinada letra.

Com a letra “S”, algumas crianças citaram a palavra “sapo”, a professora os parabenizou e cantarolou com a turma duas músicas conhecidas por eles

que continham a palavra citada, as músicas foram: “O sapo não lava o pé” e “Sapo Cururu”. Em seguida, com a letra “A”, a docente citou o nome de uma das crianças da sala que se chamava “Abner” e uma criança falou “a” de “aranha”, então, novamente cantaram uma música que nos versos citava essa palavra, como mostra o trecho a seguir: *“A dona aranha subiu pela parede, veio uma chuva forte e a derrubou, já passou a chuva, o sol está surgindo, mas a dona aranha não parava de subir.”*

Continuando com a letrinha “C”, a titular da sala falou “casa” e começou a cantar outra música, com a turma, que nos versos seguintes também veremos a palavra citada por ela, vejam: *“Fui morar numa casinha nha, empestada da, de cupim pimpim, saiu de lalala uma largatixaxa, olhou pra mim, olhou pra mim e fez assim”...* (nessa hora fazem uma careta). Em seguida, com a letra “I”, a turma não respondeu nada, logo a professora entrevistou dizendo “i” de “ioiô”, de “igreja” e de “índio”, e mais uma vez cantarolaram uma música que cotinha a palavra “índio”, vejam: *“1, 2, 3 indiozinhos, 4, 5, 6 indiozinhos, 7, 8, 9 indiozinhos 10 num pequeno barco...”*. Assim, formaram a palavra “SACI”. Percebemos que estas atividades não estão totalmente adequadas para crianças de dois anos de idade, pois, não é só cantarolando algumas músicas que elas se apropriarão de um determinado “conteúdo”.

Ao formarem a palavra, a educadora perguntou a turma *“quantas pernas tem o saci?”*, responderam unanimemente *“uma!”* então ela escreveu na lousa o número 1 e voltou a fazer perguntas. Indagou-os se sabiam onde o saci morava, algumas crianças disseram que morava no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Daí ela falou de uma bonequinha que também morava no Sítio, chamada “Emília”, cantou uma música que citava o nome dela e lembrou-se do “Visconde”, outro personagem do Sítio que se parecia com um “milho” e usava chapéu. Após toda essa discussão, a professora apresentou as crianças o desenho do “Visconde” e do “Boi Tatá” em folha impressa para eles pintarem, porém, a atividade teve que ser interrompida porque era à hora da janta.

No retorno para a sala de referência, a docente chamou as crianças uma a uma, oferecia uma determinada cor a elas e pedia para pintarem os desenhos. Compreendemos que seria interessante que a educadora deixasse as crianças escolherem as cores que desejassem, pois assim, não estaria estipulando limitações na atividade que iria ser realizada. Ela observava a

pintura e quando necessário intervia dando direcionamentos na maneira que estavam pintando. Ou seja, a professora mostrava onde estava faltando pintar e direcionava-os para pintar no lugar correto. Com esta atividade, ela trabalhou a coordenação motora, a percepção e atenção dos infantes, além de ensiná-los as cores dos lápis que eles estavam utilizando.

Ela nos relatou que prefere fazer as atividades dessa forma porque assim pode acompanhar de perto se a criança consegue segurar o lápis e se já conseguem definir a dimensão de espaço na hora da pintura. Segundo ela, muitas crianças avançaram nesse sentido, pois a maioria não conseguia nem segurar o lápis e agora consegue, além de conhecerem algumas cores.

Esse fato que a professora nos relatou nos deixou bastante intrigadas, pois a criança segurar um lápis na idade de dois anos não é considerado algo normal. Nessa faixa etária o caráter expressivo do movimento ainda predomina. Ou seja, ao invés dessa preocupação se a criança vai conseguir segurar o lápis ou não, o/a docente poderia desenvolver atividades que exijam o aperfeiçoamento das capacidades motoras das crianças, ou que lhes tragam novos desafios, considerando seus progressos. Por exemplo, atividades como o banho e a massagem são oportunidades privilegiadas de explorar o próprio corpo, assim como de experimentar diferentes sensações, inclusive junto com outras crianças.

Ao término da atividade, a docente pediu para que as crianças ficassem sentadas porque ela iria disponibilizar brinquedos para eles brincarem enquanto aguardavam a chegada dos seus pais e/ou responsáveis. Após a entrega, nem ela e nem a monitora intervia nas brincadeiras, os deixavam “livres”. Mas, observamos que as crianças não poderiam sair do seu lugar, ou brincava sozinha ou com o/a colega que estivesse do seu lado. Com esta atitude, os infantes não têm a liberdade de expressar as emoções daquele momento e acabam sendo sujeitos a aceitar essa atividade de “Não-Movimento”.

O termo, atividade de “Não-Movimento”, será mais bem esclarecido por Iza e Mello (p. 295, 2009):

As atividades de Não-Movimento a que nos referimos não significam a falta de movimento ou ficar sem se mexer, mas, sim, situações em que as crianças se encontram em limitação

de movimentos imposta pelo tipo de atividade que as professoras propõem. Apesar dessa restrição, as crianças extrapolam e criam outras maneiras de se movimentar naquela atividade.

Os critérios que utilizamos para classificar as atividades de Não Movimento foram os momentos em que as crianças tiveram que ficar presas a determinadas situações, a pedido da professora e monitora. Partindo disso, observamos que foi exatamente dessa forma que a professora procedeu com as crianças na sala de referência.

Logo, ela não impedia as crianças falarem, porém, com o fato de terem que ficar quietas, sem sair do lugar, se torna uma “tortura” incessante. Contudo, era impossível mantê-los/as presos/as à cadeira o tempo todo, de vez em quando um ou outro rompiam o imobilismo imposto, indo a encontro do colega que estava na outra ponta da mesa, mas logo era repreendido a voltar para seu lugar.

Contudo, quando a sala ia esvaziando a professora os deixava livres para brincarem com ou sem brinquedos, sentados, sozinhos, em grupo, correndo e fazendo barulho. Observamos também, que a professora é bastante flexível com as crianças, pois, até na hora da bronca ela tem um jeito delicado de falar. “Quando faziam algo sério, elas os colocavam de repouso” sentados perto dela, por algum tempo, para pensarem no que fez; eles obedeciam sem reclamar. Ao passar o tempo estipulado, ela volta a conversar com a criança sobre o ato que ele fez e o liberava para a companhia dos outros. Apesar de algumas crianças, às vezes, não se darem bem com o outro, o que é normal para a fase/idade desse grupo infantil, percebemos que os/as educandos/as tem uma ótima relação com a professora e entre eles mesmos. Isso é de suma importância tanto para um melhor funcionamento na sala de atividades, como para um bom desenvolvimento dos infantes.

Como a rotina da sala de vivência é bastante corrida, após as crianças terem ido embora, perguntamos à professora se ela teria como disponibilizar alguns minutos do seu tempo para responder, informalmente, alguns questionamentos que surgiram durante as observações.

Segundo a educadora, ela escolhe um dia da semana e leva as crianças para brincarem no pátio livremente durante 10 minutos. Compreendemos que

os infantes necessitam de mais tempo para explorarem o espaço com mais liberdade e autonomia; o tempo passa rápido e acaba interferindo a criança de aproveitar o espaço e de colocar pra fora toda energia que seu corpo dispõe. Nesse curto tempo , ela observa se as crianças se socializam, brincam em grupos ou sozinhas, se conseguem subir nos brinquedos, se respeitam os colegas nas brincadeiras, etc. Depois desse momento, as mesmas são levadas para um espaço chamado “chuveirão”, local onde tem alguns chuveiros para tomarem banho. Depois do banho no chuveirão, eles/as vão para a sala de vivência descansar até chegar a hora do almoço.

A docente confessou que, por ser um espaço amplo, não gosta de levá-los para o pátio porque eles ficam muitos “soltos” e assim fica difícil, muita criança, para duas pessoas olharem. Ela prefere levá-los para o chuveirão, *por ser um ambiente onde pode controlá-los*, palavras dela. Por ter apenas uma porta de entrada e saída, realmente se torna um espaço onde as crianças podem ser controladas a não saírem do mesmo. Pudemos observar isso na imagem abaixo:

Figura 3: Imagem do ambiente denominado por “Chuveirão”.



Fonte: Arquivo pessoal.

No tempo que ficamos no CREI observando as atividades, a professora não levou as crianças para o pátio. Segundo ela, a semana estava bastante corrida por ter que concluir as atividades sobre o folclore e no dia seguinte seria a inauguração do CREI, pois a mesma ficou fechada durante dois meses para passar por uma breve reforma. Pelo fato da professora se sentir sobrecarregada de atividades do folclore para concluir naquela semana, quem saiu prejudicada com isso foram as crianças, pois além de terem um tempo curto para explorarem o pátio aberto, quando deixam de ir para esse ambiente acabam perdendo a oportunidade de conhecerem novas brincadeiras, superarem novas barreiras, gastar a inacabável energia, entre outros.

Nesse sentido o RCNEI (1998, p. 39), ressalta que

é muito importante que o professor perceba os diversos significados que pode ter a atividade motora para as crianças. Isso poderá contribuir para que ele possa ajudá-las a ter uma percepção adequada de seus recursos corporais, de suas possibilidades e limitações sempre em transformação, dando-lhes condições de se expressarem com liberdade e de aperfeiçoarem suas competências motoras.

Percebemos que devido às crianças não irem ao pátio com freqüência, conseqüentemente, essa atitude prejudicará no seu desenvolvimento físico, cognitivo, social, emocional e motor, pois o certo seria freqüentarem esse espaço todos os dias e com intervalo um pouco mais longo que 10 minutos. Esse tipo de ambiente além de proporcionar movimentação para as crianças e diversas descobertas que serão realizadas individuais e/ou coletivamente, também aprendem valores que precisarão carregar para o resto da vida, que são: interação, socialização, respeito, companheirismo, solidariedade, entre outros.

3.1.3. Terceiro dia de visita – 31/08/2016

Nesse dia ficamos no Maternal II com as crianças de 03 anos de idade. Ao chegarmos ao Crei, por volta das 11h00minhs da manhã, as crianças já estavam repousando. Não tivemos acesso à sala de vivência porque de 15h00minhs seria a reinauguração do CREI. Por tal motivo, todos/as os/as

funcionários/as estavam empenhados/as na organização do espaço e na confecção dos preparativos para a festa, pois no horário estabelecido receberiam os familiares das crianças, juntamente com alguns representantes da Secretaria de Educação.

Já que a professora não estava com condições de nos receber em sua sala de referência, nos dirigimos até a direção e procuramos saber com a diretora quais foram as modificações realizadas no CREI, em prol de todos/a que a usufruem.

Após colhermos tais informações, explicamos a diretora que, ao sabermos da inauguração, preferíamos voltar no dia seguinte, pois como todos/as estavam mobilizados/as em deixar o local preparado para receber o pessoal, não queríamos atrapalhar. Ela confirmou o envolvimento de todos/as na organização e concordou que voltássemos em outro momento.

3.1.4. Quarto dia de visita – 01/09/2016

Por volta das 08h00minhs da manhã chegamos ao CREI e fomos até a direção avisar em qual sala iríamos ficar e em seguida nos dirigimos ao Maternal II; apresentamos-nos à professora e à monitora, que foram bastante receptivas e nos conduzimos para o canto da sala para observar as atividades que seriam executadas para/com as crianças.

As crianças estavam sentadas enquanto a professora preparava a atividade. Observamos as condições da sala de vivência e percebemos que a mesma tem um espaço considerável para a quantidade de infantes, contendo imagens em cartazes coladas nas paredes, é bastante colorida, além de ter uma bancada com vários jogos didáticos para serem trabalhados. Uma sala de referência precisar conter vários materiais didáticos e ter o espaço bem organizado para atender as necessidades de cada criança. Sendo assim, o RCNEI (1988, p, 39) reforça essa prática dizendo que,

A organização do ambiente, dos materiais e do tempo visa a auxiliar que as manifestações motoras das crianças estejam integradas nas diversas atividades da rotina. Para isso, os espaços externos e internos devem ser amplos o suficiente para acolher as manifestações da motricidade infantil. Os

objetos, brinquedos e materiais devem auxiliar as atividades expressivas e instrumentais do movimento.

Sabendo disso, a educadora precisa a todo o momento estar atenta na forma em que seu ambiente de trabalho está organizado, no que diz respeito à aprendizagem e integridade física e moral da criança.

A professora iniciou as atividades fazendo um exercício de leitura do livro “Centopéia”. Ao contar a história, ela andava de um lado para o outro, fazendo com que as crianças ficassem atentas a ela e a acompanhasse com bastante entusiasmo. No momento que a história ia sendo contada, as imagens dos personagens eram apresentadas em cartolina. Os animais citados foram: a centopéia, tartaruga, cobra e a borboleta; os infantes conseguiram identificar os animais apresentados. Houve bastante interação por parte da professora, pois no momento da narração ela gesticulava, imitava os animais, e sempre fazia perguntas direcionadas às crianças. Por exemplo, ao falar o nome de um animal, mais a frente à educadora parava e perguntava: Como era o nome de tal personagem? (falava as características do animal para as crianças poderem identificar), com isso ela estimulava o processo de memorização deles/as.

Ao terminar de contar a história, a docente pediu que todos ficassem em pé para reproduzirem as características e movimentos de cada animal citado na história. Foi um momento bastante animado, pois todos/as participaram e demonstraram alegria em estar fazendo diversas expressões. Ao concluir essa atividade, ela entregou massinha de modelar para as crianças tentarem confeccionar os personagens que acabaram de trabalhar.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009, p. 04), as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem garantir experiências que “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.”

Sendo assim, ao promover o movimento corporal, observamos que a atividade realizada pela educadora contempla uma das exigências contidas nesse documento oficial que garante maior qualidade na educação dessas

crianças. Com isto, as crianças estão tendo a oportunidade de se expressarem através de diversas gesticulações proporcionadas pela atividade executada.

Muitas crianças conseguiram, do jeito deles, confeccionar os animais que escutaram na história, foi um momento mágico para eles/as, pois puderam criar e reinventar, transformando em diversão esse momento que usaram e abusaram da imaginação.

Após o término dessa atividade, a docente chamou as crianças para fazerem uma fila, pois agora ela iria levá-los para o momento de recreação no pátio (área externa). A atividade foi livre, as crianças exploraram o espaço, espontaneamente, de várias maneiras. Elas corriam, caíam, brincavam com a areia, pegavam flores, pulavam, empurrava uns aos outros e brincavam entre si e/ou sozinhos no balanço, na casinha, no gira-gira, etc. A docente observava se entre eles/as havia o respeito, a concentração, se tinham coordenação motora, etc. Segundo ela, quando as atividades eram dirigidas ela elabora jogos e gincanas.

Depois de uns 15 a 20 minutos, a professora os/as chamou e os/as levou para o banheiro onde deu banho primeiro nas meninas, e depois nos meninos. Ao término, foram se vestir e depois almoçar para irem repousar, e assim encerrou a manhã dessas crianças. Em relação ao tempo estipulado pela educadora para as crianças gastarem suas energias no pátio aberto, entendemos que as crianças necessitam de muito mais tempo para explorarem o espaço com maior liberdade e autonomia, pois o tempo passa rápido e acaba interferindo a criança de locomover-se espontaneamente e de explorar com mais tranquilidade todo o ambiente disponibilizado.

No momento em que as crianças estavam no pátio, professora e monitora só interviam quando era motivo de desentendimento entre eles ou se alguém se machucasse nas brincadeiras. Fora isso, elas deixavam todos/as livres para fazer o que quiserem nesse espaço, explorando o ambiente de todas as formas possíveis. Observamos que as crianças extrapolavam de alegria, colocando toda energia para fora e interagindo satisfatoriamente com os colegas e com a professora. Todas essas atividades são planejadas antes de serem executadas por todas as professoras. O espaço e os materiais proporcionam locomoção e diversas formas dos/as discentes se movimentarem, promovendo assim, o domínio do corpo e sensação de alegria

por fazerem novas descobertas a cada movimento/atividade executado/a. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

ao movimentar a criança não está apenas deslocando-se seu corpo de um espaço para o outro, mas sim está se apropriando da postura corporal, de questões de linguagens a partir dos gestos apresentados, ampliando seus pensamentos, expressando sentimentos e emoções. Neste sentido as instituições devem ofertar um ambiente físico que promova estas instancias e ofereça segurança, fazendo com que se sintam protegidas e acolhidas.

Sendo assim, fica claro que o movimento deve fazer parte do dia-a-dia da criança, pois ao se locomoverem em um espaço apropriado e de diferentes maneiras ela estará conhecendo a si mesma e criando ligações com o outro e o mundo.

No período da tarde, ao acordarem, as crianças foram lanche: o lanche foi frutas (melão/melancia). Após o lanche retornaram para a sala e ficaram sentados aguardando a professora voltar da hora de descanso; quem ficou na sala com as crianças foi a monitora. Aos poucos ela chamava cada fileira de crianças para tomarem água. Em seguida eles voltavam a sentar e ficar quietos em seus lugares. Mas, é obvio que isso não acontecia, ou seja, as crianças ficavam conversando entre si e se movimentando na cadeira que estavam sentadas, ou seja, uma criança ficava de joelho sobre a mesa, outra virava as pernas para o lado, outras colocavam os pés na cadeira, outras ficavam em pé, mas não deixavam de interagir entre si. A monitora não intervia nesses movimentos que citei. Para o RCNEI (1998. p, 19),

Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças.

As crianças têm uma boa interação com a professora, pois quando ela voltou da sua hora de descanso, eles (as) continuaram o que estavam fazendo, sem expressar nenhuma reação de espanto por ela ter chegado, e a mesma também se portou normalmente diante do comportamento das mesmas. Após

alguns minutos a professora junto com a monitora realizou uma atividade de pintura, dando continuidade à história que tinha narrado pela manhã. Apresentou uma centopéia desenhada numa cartolina amarela para algumas crianças, selecionadas pela monitora, pintarem. Assim como mostra a imagem a seguir

Figura 4: Atividade de contação de história e pintura realizada na sala de referência.



Fonte: Arquivo pessoal.

Com essa atividade elas trabalharam a coordenação motora, o espaço e a concentração. Após a pintura, a docente colou o cartaz na parede e continuou falando da historinha da “centopéia”.

A educadora perguntou a turma como era o nome da centopéia e com que letrinha começava, algumas crianças souberam dizer que o animal se chamava “Sassá” e identificaram a letra “S”. A turma já é bastante independente em relação de saber identificar as letras do alfabeto, as cores e os numerais, também sabem a letra do nome ou até mesmo o nome completo, com a ajuda de alguns acessórios, como o alfabeto móvel de EVA e de madeira.

Após a atividade eles/as foram para o banho. O banho é separado, primeiro as meninas depois os meninos, pois se for à turma toda, segundo a professora, poderão ficar bagunçando na hora da ducha. Voltando para a sala de referência, a maioria sabia trocar de roupa sozinhos/as e se alguém tivesse dificuldade, o colega ajudava. Enquanto uma parte das crianças se arrumava, outra parte ficava brincando livremente entre eles. Quando todos/as se arrumaram a professora pediu para se sentarem e esperarem à hora do jantar,

que seria logo mais às 15H: 30. Ficaram sentados, alguns em pé, conversando entre eles, cada um em seu “grupinho”.

No momento da janta, as crianças comem sozinhas e comportadas, as vezes repetem e geralmente são unidos entre eles, de vez em quando um empurra o outro e diz algo que machuca o colega, mas, devemos “considerar” que essa fase contém dessas situações. Após o jantar, as crianças voltaram para a sala de vivência e ficaram sentadas esperando a professora dar brinquedos para eles brincarem enquanto os pais não chegavam para buscá-las.

Na hora de brincarem ficaram livres; eles saem do lugar a todo o momento e não são interrompidos por nenhuma das duas. Interagiam entre si com bastante união, não sendo observado nenhum momento de intrigas entre eles. Brincam com autonomia, liberdade de expressão e confiança. Os brinquedos eram sortidos, como por exemplo: carrinhos, bonecas e mobílias de uma casa (telhados, fogão); além disso, na sala de atividades, tinha materiais variados onde as crianças tinham acesso, são eles: quebra-cabeça, bingo do alfabeto, seqüência lógica, alfabeto móvel, entre outros.

Enquanto isso, aos poucos os pais/e ou responsáveis iam chegando e levando as crianças para suas residências.

3.1.5. Quinto dia de visita – 02/09/2016

Ao chegarmos ao CREI, por volta das 08h00minhs, a turma do Pré I com crianças de quatro anos, estava voltando do café da manhã. No término, ao retornarem para sala de referência os/as discentes encontraram uma monitora de outra turma aguardando a monitora e a professora titular do pré I chegar. A mesma pediu para todos/as sentarem e ficarem aguardando a turma do maternal I sair da área externa (pátio) para eles poderem ir. A todo tempo, ela pedia para se sentarem, pois se não obedecerem quando a turma do maternal I saísse da área externa eles não iriam.

Porém, esse pedido era feito em vão, pois as crianças ficavam em pé, correndo, agitados/as e eufóricos/as para saírem, ao verem os outros infantes do lado de fora brincando. Foi o tempo que a professora titular chegou. Ao

chegar à sala, ela organizou a turma colocando cada pequeno para se sentar no seu devido lugar, escolheu o ajudante da turma e depois perguntou como o dia se encontrava, se estava chuvoso, nublado, ventando, ou ensolarado, disseram que estava ensolarado.

Ela deu continuidade falando que todos/as iriam para o pátio ensaiar para o desfile de 7 de setembro. Antes de saírem, ela colocou a música uma vez para irem ensaiando. Fizeram vários movimentos como pular, trabalhando a lateridade direita, esquerda e as partes do corpo humano. Entendemos que essas atividades de movimento são essenciais para o desenvolvimento físico e motor dessas crianças, pois trabalhar com a locomoção contribui para a formação, também, cognitiva, social e emocional. Após o breve ensaio, foram para o pátio com a turma do pré II, maternal I e II para realizarem o ensaio geral junto.

Percebemos que a professora é bastante animada e flexível com as crianças; durante o ensaio em sala, ela fez uma roda com todos/as e dançou com eles/as ao som da música fazendo vários gestos e movimentos diferentes; houve um grande entrosamento entre professor-criança e criança-criança. Portanto, entendemos que:

É muito importante que o professor perceba os diversos significados que pode ter a atividade motora para as crianças. Isso poderá contribuir para que ele possa ajudá-las a ter uma percepção adequada de seus recursos corporais, de suas possibilidades e limitações sempre em transformação, dando-lhes condições de se expressarem com liberdade e de aperfeiçoarem suas competências motoras (RCNEI, 1998, p. 39).

Esse tipo de atividade, onde as crianças se sintam livres para expressarem seus sentimentos e emoções são de suma importância que aconteçam freqüentemente, pois elas precisam se movimentar constantemente, para assim irem conhecendo a si mesmo, no que diz respeito as suas possibilidades e limitações.

Enquanto o ensaio não começava, as crianças ficavam correndo brincando entre eles. A música do ensaio para o desfile se chamava “Somos a porta do sol”. Essa música versava sobre as cores, a mata, o mar, o temporal, o sol, calor e os sentimentos: abraçar, alegria e esperança. Enquanto a música

cantava a professora fazia gestos para as crianças repetirem, fizeram muitos movimentos que trabalhavam coordenação motora, a lateridade, a memorização a imaginação, a percepção, etc. Em relação aos gestos realizados pela educadora para as crianças repetirem, não quer dizer que ela se restringia a isso; quando faziam outra gesticulação a professora não reprimia a criança por este ato. Compreendemos que é dessa forma que deve acontecer em toda atividade planejada pela educadora, mesmo que ela traga algo pronto, não deve limitar as crianças a fazerem apenas o que por estipulado por ela, e sim deixar a criança livre para se expressar da maneira que achar melhor.

Ao término do ensaio, voltaram para sala de vivência. A professora deu brinquedos de encaixe para as crianças brincarem sozinhas ou em grupos, poucas crianças brincavam sozinhas, a maioria formavam seus grupinhos e através da imaginação montavam armas, casinhas, navio, casa, arco Iris, cozinha, trilha do trem, prédio, secador de cabelo, as letras do alfabeto móvel, entre outros.

Ao concluírem a brincadeira, as crianças foram tomar banho. Depois do banho eles/as vieram para sala e se trocaram, são todos/as independentes, tiram e colocam todas as peças das roupas sozinhos/as. Logo em seguida foram almoçar; elas também são bastante independentes na hora do almoço, comem sozinhas, comem bem, comem tudo e até repetem. Ao concluírem, escovaram os dentes e foram repousar. Depois do repouso irão lanche e fazer a atividade do segundo momento que será pintar imagens que retrate sobre o desfile sete de setembro.

Com a pintura a professora irá observar se as crianças exercitam a percepção visual, auditiva, coordenação motora, atenção e a compreensão. Após a pintura irão novamente tomar banho, jantar e esperar os pais chegarem. As atividades são flexíveis e planejadas semanalmente; diariamente ela vai moldando essas atividades com o que está programado para aquela semana. Segundo a professora, a maioria das crianças conhece as letras do alfabeto e seqüencialmente identificam as letras do seu nome.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi identificar como o movimento está presente na prática pedagógica da Educação Infantil, através da rotina diária na instituição pesquisada, com a finalidade de compreendermos de que forma o movimento estava sendo inserido no dia a dia de suas respectivas atividades propostas.

As professoras, da creche, têm experiência para se trabalhar com as crianças, mas, o movimento foi pouco visto nas nossas observações, como também, foi possível ver que manter as crianças quietas eram o foco principal, pois o estímulo para que o Não-Movimento acontecesse era muito forte, parecendo haver que o objetivo central é manter o controle sobre as crianças. O Não-Movimento, ou seja, atitude que as educadoras têm de manter as crianças quietas e caladas deveria ser motivo de discussão, sobretudo, pois entendemos que nesta fase inicial é onde as crianças têm a necessidade de se manter em movimento. É necessário esclarecer sobre o desenvolvimento da criança nesta fase, de modo que tenha convicção e uma construção da prática e conhecimento sobre a criança, considerando suas particularidades e incentivando suas competências.

A subversão ocorre quando se constata a falta de preparação das professoras para realizar atividades diversas, utilizando vários recursos que proporcionem, além dos cuidados, a educação às crianças. Para que as professoras realizem seu trabalho, é fundamental que aprendam sua real função na Educação Infantil, que indaguem quais os recursos disponíveis e de quais maneiras eles podem ser empregados e quais as finalidades das atividades realizadas, assim como, observar se correspondem à faixa etária das crianças. Por fim as educadoras precisam ter momentos de reflexão sobre sua prática e permanecerem em uma formação continuada.

Um obstáculo nos trabalhos desenvolvidos com crianças de 2 a 5 anos de idade é a especificidade, que muitas vezes não é levada em consideração. A particularidade em amplificar um trabalho com crianças pequenas exige formação vasta e minuciosa nas questões referentes à Educação Infantil.

O papel dessas profissionais que atuam na educação infantil é de uma máxima importância, pois elas têm de responder às exigências, dos pequenos, sem focar apenas na educação assistencialista e ou escolarizante. Nesse momento, é essencial que as profissionais compreendam a importância de seu trabalho, bem como desenvolvam atividades diversas, isso poderá lhes proporcionar um resultado significativo. Conscientes de seu papel, a busca de uma formação apropriada pode trazer muitos benefícios a elas e, principalmente, à vida dos infantes.

Sendo assim, as atividades de Movimento para crianças pequenas são de fundamental importância para o seu desenvolvimento, tanto as atividades dirigidas, previamente planejadas, quanto às consideradas livres.

Entendemos, portanto, que é por meio do movimento que o ser pequeno explora seu corpo. Ela se movimenta desde o nascimento, desta forma, o corpo é o primeiro instrumento de pensamento da criança com o mundo. O movimento corporal é a linguagem que o infante utiliza para se comunicar com outras pessoas e com o ambiente que a cerca. Dessa maneira, o papel do educador é essencial no desenvolvimento das habilidades motoras a serem desenvolvidas pela criança, fazendo-a descobrir o próprio corpo, promovendo atividades que beneficiem o desenvolvimento corporal.

Contudo, é de fundamental importância que as professoras tenham formação inicial e continuada, pois assim, elas estarão conhecendo propostas que contribuam para o desenvolvimento do seu trabalho além de poderem estar sempre refletindo sobre sua prática. Dessa forma, ela trará melhorias, de modo a fornecer aperfeiçoamento nas atividades que serão desenvolvidas com as crianças pequenas, garantindo mais qualidade na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, compreendemos que foi de suma importância trabalharmos com este tema, pois o movimento corporal no contexto da Educação Infantil é um assunto amplo que precisa de olhares flexíveis no que diz respeito ao cuidar e educar o indivíduo pequeno. Sendo assim, ao nos debruçarmos nessas questões, ampliamos nossos conhecimentos de forma que aprimorou nossa formação enquanto futuras pedagogas.

REFERÊNCIAS

ADATTO, Kiku. **Conceito de infância passa por transformação**. In: O Estado de São Paulo. Matéria de Peter Applebome. Em 25/Maio/1998.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973. p.279

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: : formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.3.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em: http://www.mprs.mp.br/areas/gapp/arquivos/resolucao_05_2009_cne.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2016.

BORGES, C.J..**Educação Física para o Pré-Escolar**. Rio de Janeiro: Sprint,1987.

BRANCHER, Vantoir Roberto; NASCIMENTO, Cláudia Terra do; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

Creche Renato Lucena Nóbrega. Disponível em: <http://www.escol.as/87175-creche-renato-lucena-nobrega>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

DE MAUSE, Lloyd. **História de la infância**. Madri, AlianzaUniversid: 1991.

FURLAN, Marta Regina. **A Construção do “Ser” Criança na Sociedade Capitalista**. Disponível em: http://www.academia.edu/7152051/A_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DO_SER_CRIAN%C3%87A_NA_SOCIEDADE_CAPITALISTA. Acesso em: 21 de agosto de 2016.

GRACIOLI, Maria Madalena; SOUZA, Sueli Aparecida Ferreira. **O Movimento Corporal na Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/941/1666>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; Mello, Maria Aparecida. **Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil**. Disponível

em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982009000200013. Acesso em: 28 de outubro de 2016.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância, violência e consumo In: Subjetividade em questão: A infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005, p. 91-98.

LEVIN, Esteban. **A infância em cena – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICOLLO, Vilma Lení. **Corpo em movimento na educação infantil**. – 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção Educação física escolar).

RABINOVICH, S.B.. **O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional**. São Paulo: Phorte, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade**. Retirado de http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf. Acesso em 21/10/2014.

TOSATTO, Carla. **O que é ser criança hoje?**. Disponível em: http://www.nomedasuaescola.com.br/revista/0609/pdf/ponto_de_vista_1.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2016.